

tem a contribuir tanto com o processo de minimização dos riscos na deglutição quanto no processo de decisão de via oral visando conforto/prazer quando em atendimento a pacientes paliativos.

**1381**

**EFETIVIDADE DA REABILITAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA BREVE E INTENSIVA NO CÂNCER DE TIREOIDE: RELATO DE CASO**

CATEGORIA DO TRABALHO: RELATO DE CASO ÚNICO

Felipe de Oliveira Goulart, Cecília Vieira Peruch, Fernanda Tormen Korpalski, Maiara Tomanchievicz, Vera Beatris Martins, Monalise Costa Batista Berbert

SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE PORTO ALEGRE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE

**Introdução:** A terapia fonoaudiológica breve e intensiva proporciona um aprendizado neuromotor mais eficiente e em menor tempo, devido a repetição correta e consciente das técnicas propostas e do monitoramento constante do fonoaudiólogo. Além disso, esta modalidade de tratamento tende evitar a desistência dos pacientes, uma vez que os resultados são percebidos rapidamente. **Objetivo:** Descrever os resultados da terapia fonoaudiológica breve e intensiva em um caso de câncer de tireoide. **Método:** Estudo aprovado pelo Comitê de Ética sob o parecer 3.109.023. Mulher, 50 anos, diagnosticada com carcinoma papilar variante folicular infiltrativa de tireoide -mpT1a-, foi submetida a Tireoidectomia Total, após a qual apresentou alterações vocais importantes. Em avaliação fonoaudiológica observou-se diminuição da elevação laríngea, lábios e bochechas com força e mobilidade adequadas. Qualidade vocal alterada, voz trêmula, ressonância laringofaríngea e incoordenação pneumofonoarticulatória. **Resultados:** Realizou-se terapia fonoaudiológica breve, distribuída em quatro sessões, visando a reabilitação vocal e eliminação dos episódios de engasgo. A disфония foi melhorada por meio da terapia vocal intensiva, com exercícios para reduzir a tensão da musculatura cervical; otimizar a projeção vocal; reduzir compensações inadequadas; suavizar a emissão e relaxar a musculatura laríngea; equilibrar a coordenação entre respiração-fala; reduzir o esforço fonatório e aquecimento vocal. A paciente demonstrava-se motivada e participativa durante as sessões, tolerando os recursos utilizados sem queixas e/ou efeitos adversos. **Conclusão:** O acompanhamento fonoaudiológico realizado desde o primeiro momento pós cirúrgico, associado ao comprometimento da paciente foram decisivos para que o processo de reabilitação fosse breve e efetivo.

**1697**

**TELEAMBULATÓRIO EM FONOTERAPIA NA PANDEMIA COVID-19 EM HOSPITAL DE REFERÊNCIA EM SAÚDE AUDITIVA**

CATEGORIA DO TRABALHO: PRÁTICAS INSTITUCIONAIS INOVADORAS

Monia Presotto, Simone Capsi Pires, Maria Elza Kazumi Yamaguti Dorfman, Alexandre Hundertmarck Lessa, Adriana Laybauer Silveira

HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE

**Introdução:** A Fonoterapia, pertencente ao Serviço de Fonoaudiologia do HCPA, realiza atendimentos ambulatoriais na área de habilitação e reabilitação auditiva, e devido à pandemia, muitos atendimentos foram suspensos. Com a preocupação de manter os atendimentos para não haver um déficit ainda maior no desenvolvimento das habilidades auditivas e da linguagem oral dos pacientes usuários de aparelhos de amplificação sonora individual (AASI) e de implante coclear (IC), a equipe organizou-se para realizar teleatendimentos. A privação da Terapia Auditivo Verbal (TAV), na qual a inteligibilidade de fala é estimulada por meio da via auditiva, e desta forma as habilidades auditivas propiciam o desenvolvimento da comunicação oral, poderia afetar negativamente os pacientes. **Objetivo:** Relatar a experiência do teleambulatório na fonoterapia em reabilitação auditiva quanto ao desenvolvimento das habilidades auditivas e de linguagem oral na pandemia. **Metodologia:** Este trabalho refere-se a um relato de experiência de teleatendimento na fonoterapia. Desde que os atendimentos ambulatoriais foram suspensos em março de 2020, a equipe se organizou para que a demanda não ficasse sem assistência. Portanto, os pacientes que já estavam agendados presencialmente foram contatados para desmarcar o atendimento, e, se possível, o teleatendimento foi realizado neste mesmo contato. Nos casos onde os pacientes preferiram agendar o teleatendimento, foi ofertado um novo horário. O agendamento do paciente foi realizado pelo fonoaudiólogo responsável, que solicitou

a marcação através do e-mail do apoio de teleambulatório. As plataformas utilizadas foram Google Meet e Whatsapp. As sessões tiveram duração entre 30 e 45 minutos. Durante o teleatendimento, foi realizada a TAV, na qual há participação ativa da família e utiliza estratégias específicas baseadas em evidências para promover o desenvolvimento ideal e eficiente da linguagem falada, desenvolvida principalmente através da audição. Considerações: O teleatendimento realizado na Fonoterapia mostrou significativa relevância, sendo possível verificar seu benefício durante esta prática. Desta forma, o teleambulatório é uma importante ferramenta de trabalho para habilitação e reabilitação dos pacientes. Além disso, foi muito importante para nortear o teleambulatório das demais equipes do Setor de Fonoaudiologia.

1759

### **TABAGISMO DURANTE RADIOTERAPIA EM CÂNCER DE CABEÇA E PESCOÇO**

CATEGORIA DO TRABALHO: PESQUISA

Maiara Tomanchieviez, Felipe de Oliveira Goulart, Cecilia Vieira Peruch, Fernanda Tormen Korspalski, Vera Beatris Martins, Monalise Costa Batista Berbert

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE

SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE PORTO ALEGRE

O tabagismo é um fator de risco amplamente descrito para o desenvolvimento de carcinoma epidermóide (CEC) em região de cabeça e pescoço. A manutenção do hábito tabágico além de influenciar negativamente durante o tratamento radioterápico, também aumenta o risco de recidiva e de segundo tumor primário. Além disso, a modalidade escolhida para o tratamento do câncer de cabeça e pescoço também pode influenciar na manutenção do tabagismo. Foi objetivo deste estudo descrever os hábitos tabágicos de sujeitos em atendimento fonoaudiológico em um ambulatório de radioterapia. Trata-se de um estudo retrospectivo, aprovado sob parecer do Comitê de Ética número 3.109.023, realizado através da análise de prontuário de sujeitos atendidos em um período de 30 dias. Todos os pacientes responderam durante a entrevista inicial a questionamentos referentes aos hábitos tabágicos. No período, foram atendidos 21 sujeitos, onde 80,8% eram do sexo masculino. 71,45% não realizou cirurgia e fez tratamento isolado de radioterapia, ou combinado com quimioradioterapia. Apenas dois sujeitos (9,5%) negaram tabagismo prévio. Dos 19 (90,4%) sujeitos fumantes e ex-fumantes, cinco (23,8%) mantiveram o hábito durante o tratamento de radioterapia. Destes, apenas um deles havia realizado cirurgia prévia na região de cabeça e pescoço e estava tratando, no momento, uma recidiva tumoral na região da língua. Quando questionados em que momento haviam cessado o tabagismo, seis (42,85%) sujeitos cessaram no início do tratamento, três (21,42%) cessaram no diagnóstico, três (21,42%) cessaram durante o tratamento radioterápico, e dois (14,28%), já haviam interrompido a mais de um ano. Nenhum dos sujeitos que manteve o tabagismo durante a radioterapia estava fazendo tratamento ou acompanhamento para cessar o hábito. A média de cigarros fumados por dia dos cinco sujeitos foi de 15 cigarros. Os resultados reforçam a alta taxa de tabagismo em pacientes com câncer de cabeça e pescoço. A partir disso, destaca-se a importância de uma abordagem multiprofissional mais efetiva para melhores resultados na interrupção do hábito tabágico, principalmente entre aqueles sujeitos que não realizaram cirurgia de cabeça e pescoço.

1780

### **DIMENSIONAMENTO AUDITIVO DE PACIENTES ATENDIDOS EM UM CENTRO DE REFERÊNCIA PARA TRATAMENTO DE OSTEOGÊNESE IMPERFEITA**

CATEGORIA DO TRABALHO: PESQUISA

Adriana Laybauer Silveira, Sabrina Nunes Gonçalves, Adriane Ribeiro Teixeira, Têmis Maria Félix

HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE

Introdução: A Osteogênese imperfeita (OI) é uma doença hereditária rara caracterizado pela diminuição da densidade óssea devido a defeitos na biossíntese de colágeno tipo 1. As principais características clínicas da OI são fragilidade óssea, fraturas de repetição, baixa estatura e progressiva deformidade óssea. Outras manifestações incluem: escleras azuladas, dentinogênese imperfeita, frouxidão ligamentar e perda auditiva. Objetivos: Avaliar a audição destes pacientes e mensurar média de limiares aéreos e ósseos para determinar o GAP existente em cada faixa etária e de acordo com o tipo de OI. Métodos: Foram realizadas audiometria tonal liminar por via aérea (VA) e via óssea (VO) em pacientes atendidos no Centro de Referência